Adolescentes em Ambientes Digitais: Algoritmos, Redes Sociais e Modulação de Comportamentos

Autor(res)

Karolline Porfirio Almeida
Ana Júlia Cavalcante Dias

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

FACULDADE ANHANGUERA DE UBERLÂNDIA

Introdução

O ambiente digital pode ser compreendido como um espaço coletivo, marcado por interações mediadas por tecnologias, especialmente pelas redes sociais. Para Santos (2023, p. 3), “as redes sociais vêm se tornando parte do cotidiano das pessoas com uma frequência muito grande; é notável a sua evolução”. Nesse contexto, os algoritmos assumem um papel central, pois não apenas organizam conteúdos, mas orientam práticas e hábitos, desde o que é consumido até a forma como desejos e interesses são moldados.

Assim, Cardoso (2024) observa que esses sistemas atuam de maneira quase invisível, estruturando comportamentos e definindo preferências antes mesmo que os indivíduos tenham plena consciência disso. Dessa forma, o ambiente digital não se limita a mediar experiências, mas influencia silenciosamente as escolhas, reforçando determinados padrões de conduta. Esse aspecto é ainda mais sensível durante a adolescência, período compreendido entre os 10 e 19 anos, segundo a Organização Mundial da Saúde (2023). Essa fase é marcada por intensas transformações físicas, emocionais e cognitivas, nas quais os jovens estão em busca de identidade e pertencimento. Tal condição os torna especialmente vulneráveis às pressões externas, incluindo aquelas que emergem do uso cotidiano das tecnologias digitais. O consumo de conteúdo e a dinâmica das interações virtuais podem, assim, repercutir diretamente no bem-estar, nas relações sociais e nos modos de vida desses sujeitos. Para Foucault (2008), o poder não se reduz à coerção física, mas se manifesta de forma difusa, orientando ações e comportamentos. Seguindo essa lógica, os algoritmos funcionam como instrumentos de governamentalidade, reforçando determinados usos e sancionando outros, de maneira a sustentar o engajamento contínuo dos usuários. Desse modo, observa-se a articulação entre ambiente digital, subjetividade e poder algorítmico, com impactos significativos no processo de desenvolvimento dos adolescentes.

Objetivo

Este trabalho busca compreender os impactos e desafios associados ao uso de tecnologias digitais na adolescência, investigando como plataformas digitais moldam mentalidades, desejos e estilos de vida. Pretende-se também discutir de que forma o lazer digital pode assumir uma dimensão alienadora, representando um risco para a qualidade de vida e para a saúde psicológica dos jovens.

Material e Métodos

A pesquisa foi conduzida a partir de uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e exploratório, voltada à análise de estudos sobre o impacto dos algoritmos no comportamento adolescente. De acordo com Gil (2008), esse tipo de investigação permite compreender fenômenos a partir de materiais já publicados, possibilitando ao mesmo tempo novas interpretações. Os critérios de seleção priorizaram produções com rigor científico, publicadas preferencialmente entre 2008 e 2025, em português ou inglês. Foram incluídos artigos revisados por pares, livros acadêmicos, dissertações e publicações em bases como Scielo, PubMed Central, arXiv, além de periódicos nacionais e internacionais. Obras de referência, como Han (2018) e Van Dijck (2013), também integraram o corpus da pesquisa.

Resultados e Discussão

As redes sociais podem ser compreendidas como um microcosmo social, com regras, valores e formas de reconhecimento próprias. Nesse espaço, mecanismos de reforço curtidas, comentários e visualizações funcionam como marcadores de valor simbólico, ampliando a necessidade de aprovação e pertencimento. Festinger (1954) já havia proposto a teoria da comparação social, segundo a qual indivíduos avaliam a si mesmos a partir da relação com os outros. Nas plataformas digitais, esse processo é intensificado e monitorado por algoritmos, que transformam dados em estratégias para manter os jovens conectados. Assim, o adolescente deixa de ser apenas um usuário para se tornar alvo de estratégias comerciais e ideológicas que, embora apresentem a ideia de liberdade de escolha, operam em direção oposta. Como afirma Sancho (1998, p. 30), “a interação do indivíduo com as tecnologias têm transformado o mundo e o próprio indivíduo”. Na adolescência, fase em que há grande necessidade de reconhecimento, essa influência se torna ainda mais significativa. Oliveira, Coleti e Morandini (2023) reforçam esse ponto ao alertar que padrões obscuros em redes sociais podem induzir comportamentos, afetando liberdade e privacidade. A naturalização da presença digital desde a infância pode gerar familiaridade, mas também expõe os jovens a riscos pouco reconhecidos. Buckingham (2010, p. 39) destaca que “a mídia digital Internet, telefonia móvel, jogos de computador, televisão interativa é hoje um aspecto indispensável no tempo de lazer das crianças e dos jovens”. No entanto, quando esse lazer ocupa grande parte da vida cotidiana, o desenvolvimento subjetivo corre o risco de ser guiado mais pelos interesses das plataformas do que pelo exercício do livre arbítrio. A difusão de conteúdos ideológicos exemplifica esse cenário. O movimento Red Pill, por exemplo, apresenta-se como um convite a uma “despertar” crítico, mas dissemina visões reducionistas sobre gênero (Arduino; Chagas; Toledo, ano). Da mesma forma, discursos racistas, gordofóbicos e extremistas encontram terreno fértil na vulnerabilidade e credulidade dos adolescentes, sobretudo quando já apresentam sinais de dependência digital. Nesse processo, atividades analógicas como práticas esportivas, hobbies, interações presenciais e aprendizagens autônomas perdem espaço diante do imediatismo das redes. O risco é que os jovens passem a centralizar suas fontes de prazer e validação no ambiente digital, limitando sua abertura ao novo e comprometendo uma formação mais integral. Como resultado, tornam-se suscetíveis a influências que não apenas afetam seus comportamentos cotidianos, mas também seu modo de pensar e projetar o futuro.

Conclusão

Os resultados indicam que os algoritmos influenciam profundamente a adolescência, fase crítica para a formação da identidade. A imersão digital ultrapassa o uso da tecnologia, moldando comportamentos e valores, intensificando a busca por pertencimento e validação. A exposição a conteúdos extremistas e discriminatórios limita perspectivas e cria a ilusão de escolha, enquanto atividades analógicas perdem espaço. Assim, torna-se essencial ampliar pesquisas no campo, aprofundando a compreensão dos impactos de longo prazo das redes sociais e algoritmos sobre a autonomia, pensamento crítico e saúde

Referências

PENNA, Y. C.; INGRASSIA, E. R. Os adolescentes e os usos das redes sociais em contexto pós-pandemia. Trajetória Multicursos, v. 17, n. 2, p. 102–123, 2024.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Cap. 8, p. 150.

TREINTA, F. T. et al. Metodologia de pesquisa bibliográfica com a utilização de método multicritério de apoio à decisão. Production, v. 24, n. 3, p. 508–520, 1 set. 2014.

PUCCINELLI, M. F.; MARQUES, F. M.; LOPES, R. DE C. S. Telas na infância: postagens de especialistas em grupos de cuidadores no Facebook. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 43, 2023.

HAN, B.-C. Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Âyinê, 2018

VAN DIJCK, J. The culture of connectivity: a critical history of social media. Oxford: Oxford University Press, 2013

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Adolescência: definição. Genebra: OMS, 2023. Disponível em: https://www.inee.org/pt/eie-glossary/adolescencia Acesso em: 25 set. 2025